MITOS COSMOGÔNICOS: UMA ANÁLISE COMPARATIVA ENTRE O MITO DA CRIAÇÃO BÍBLICA E A ORIGEM DA TERRA GLORIOSA EM *A MENINA QUE FAZIA NEVAR*, DE GRACE MCCLEEN

Layla de Oliveira Vasconcellos[1]

RESUMO: Este artigo tem como objetivo apresentar uma análise comparativa entre o mito da criação bíblica e a origem da Terra Gloriosa no romance *A menina que fazia nevar* (2013), da escritora britânica Grace McCleen. Apontaremos algumas similaridades e dissemelhanças entre as duas obras, assim como trataremos da relação dos criadores com suas criações nos dois textos. Para tanto, apoiamo-nos nos conceitos de mito e mitos cosmogônicos explicitados por Eliade (2004), bem como na concepção de intertextualidade formulada por Carvalhal (2010).

Palavras-chave: Mitos cosmogônicos. Mito da criação bíblica. *A menina que fazia nevar*. Grace McCleen. Intertextualidade.

Considerações iniciais

Desde os primórdios da civilização até os dias contemporâneos, o mito fascina o ser humano. Quando observamos o mundo ao nosso redor e refletimos sobre nossas condutas, percebemos que nossas vidas são feitas de momentos míticos, afinal de contas, o mito se vive diariamente, embora nossa sociedade seja moderna.

O caráter narrativo do mito, em especial, desperta a atenção de grande parte das pessoas, independentemente de faixa etária ou país de origem. Nos últimos tempos, as adaptações cinematográficas e a literatura têm sido os principais instrumentos utilizados para recuperar as narrativas míticas de um passado longínquo e fabuloso, trazendo-as para nossa realidade atual. Fundamentados nas releituras do mito, podemos compreender melhor o século XXI.

[1] Mestra pelo Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL) da Universidade Presbiteriana Mackenzie (UPM), São Paulo, SP, Brasil. E-mail: laylavasconcellos@hotmail.com. Lattes: http://lattes.cnpq.br/4742894693385066. ORCID iD: https://orcid.org/0000-0001-5765-1048.

1. Mito: Definição e características principais

O mito é uma narrativa da mais alta importância, que foi notoriamente transmitida de uma geração para outra, por meio da tradição oral, nas sociedades arcaicas. De acordo com Eliade (2004, p. 6), "[...] o mito designa [...] uma 'história verdadeira' e, ademais, extremamente preciosa por seu caráter sagrado, exemplar e significativo".

Isto posto, o mito refere-se a uma realidade cultural específica repleta de pormenores e não é uma história profana, mas sim sacra, visto que suas personagens são os deuses, o divino, os entes sobrenaturais. O mito narra os atos, as façanhas e as intervenções dos deuses, que aconteceram no tempo primordial.

Além disso, o mito é considerado exemplar, pois, conforme assevera Eliade (2004, p. 6), "[...] fornece os modelos para a conduta humana, conferindo, por isso mesmo, significação e valor à existência". O mito ensina histórias que compuseram essencialmente os indivíduos e serve de modelo para todas as ações humanas, uma vez que trata de padrões de comportamento estabelecidos *in illo tempore*, revelando arquétipos.

Outra característica marcante do mito diz respeito ao fato da narrativa expressar uma lição, uma explicação sobre a realidade na qual está inserida. O mito sempre discorre acerca da origem de algo, quer seja o mundo, a vida, a morte, o homem, a mulher, o trabalho etc. Assim sendo, o mito é, segundo Eliade (2004, p. 9), "[...] a narrativa de uma 'criação': ele relata de que modo algo foi produzido e começou a ser".

2. Mitos cosmogônicos: A origem de tudo

A cosmogonia é o mito de origem exemplar, do qual os outros mitos de origem derivam-se e no qual baseiam-se. A cosmogonia narra a origem do *cosmo*, do universo e do mundo, enfatizando que, a partir da desordem (*caos*), surgiu a ordem (*cosmo*) – a harmonia de tudo. Os demais mitos de origem, por sua vez, nas palavras de Eliade (2004, p. 20), "[...] prolongam e completam o mito cosmogônico: eles contam como o Mundo foi modificado, enriquecido ou empobrecido". Nos primeiros capítulos do livro de Gênesis, por exemplo, notamos o relato da cosmogonia bíblica.

Apresentadas essas visões gerais sobre mito e mitos cosmogônicos, o presente trabalho objetiva analisar comparativamente o mito da criação bíblica e a origem da Terra Gloriosa no romance *A menina que fazia nevar* (2013), da escritora britânica Grace McCleen. Este artigo

focaliza, também, a relação dos criadores com suas criações. Justificam, assim, o interesse e a relevância deste estudo, especialmente, porque *A menina que fazia nevar* (2013) e sua autora são praticamente desconhecidos para a maioria dos brasileiros e têm sido objeto de poucos estudos no Brasil.

3. Grace McCleen: Uma criadora de mundos

Grace McCleen (1981-) é romancista, poeta, cantora, compositora e resenhista para o jornal *The Guardian*. McCleen graduou-se em Literatura Inglesa pela *University of Oxford* e defendeu um Mestrado em Literatura Inglesa na *University of York*. Seus romances mais conhecidos são: *A menina que fazia nevar*[2] (2013) e *The Professor of Poetry* (2013). Sua obra foi traduzida para mais de trinta idiomas, ganhando prêmios significativos, dentre eles: *Desmond Elliott Prize*, *Betty Trask Award*, *Jerwood Fiction Uncovered Prize*, entre outros.

Figura 1. Capa de *A menina que fazia nevar* (2013)

Fonte: *Website* de Grace McCleen

[2] Título do livro traduzido para a língua portuguesa. Título original do romance: *The Land of Decoration* (2012).

A menina que fazia nevar (2013) conta a história de Judith McPherson, uma garota de dez anos de idade que mora com seu pai, John McPherson, em uma cidadezinha do Reino Unido. Judith não conheceu sua mãe, sofre *bullying* na escola e seus únicos amigos, além de John, são os fiéis da igreja que ela e seu pai frequentam. A fim de escapar da sua rotina angustiante, a garota refugia-se no seu quarto, onde construiu um mundo de sucata, chamado Terra Gloriosa (ANEXO A). Em cada detalhe da maquete, Judith usa sua imaginação e torna-se, por conseguinte, uma garota feliz.

Figura 2. Terra Gloriosa

Fonte: *Teaser "A menina que fazia nevar", de Grace McCleen* (2013) – Companhia das Letras

4. *A menina que fazia nevar*: Uma análise comparativa entre o mito da criação bíblica e a origem da Terra Gloriosa

Analisando comparativamente nosso *corpus* de pesquisa, alguns aspectos das narrativas chamaram nossa atenção. Primeiro, o vazio e o *caos* nos inícios de ambos os textos. No mito da criação bíblica, antes de Deus criar os céus, a terra e tudo o que neles há, existia o nada, "A terra [...] estava sem forma e vazia [...]" e predominava a desordem: trevas e o Espírito de Deus juntos. Em *A menina que fazia nevar* (2013), antes de Judith criar a Terra Gloriosa, existia o vazio ("No princípio, era um quarto vazio [...]") e prevalecia o *caos*: "[...] um pouquinho de espaço, um pouquinho de luz, um pouquinho de tempo" misturados, no mesmo espaço. Além disso, a desordem fica ainda mais evidente quando descobrimos as procedências dos materiais que a garota utilizou para construir o mundo de sucata: "[...] É

feito das coisas que ninguém quis mais e das coisas que eram da minha mãe, que ela deixou para mim [...]" (MCCLEEN, 2013, p. 17).

No livro de Gênesis e no livro de McCleen, há criadores dos mundos: Deus e Judith, respectivamente. Na Bíblia Sagrada, Deus cria o mundo e a vida a partir do nada (*ex nihilo*) e por meio do *verbum*, das palavras ("Disse Deus: Haja luz; e houve luz"). Já no romance, Judith fala o que quer criar para ela mesma ("Eu disse: 'Agora um pouco de luz' [...]") e, em seguida, pega as sucatas para criar o que acabou de dizer ("[...] e fiz um sol com uma gaiola de metal envolta em colares de contas pendurados, fiz uma lua crescente, estrelas luminosas [...]"). As palavras da garota, por elas mesmas, não são as geradoras do mundo nem da vida.

Em Gênesis, constatamos uma criação organizada e planejada (1º dia → Noite e dia; 2° dia → Céus; 3º dia → Mar, terra, grama e árvores frutíferas; 4º dia → Sol, lua e estrelas; 5º dia → Peixes e pássaros; 6º dia → Animais domésticos, animais selváticos, répteis, o homem e a mulher; 7º dia → Deus descansou). Portanto, Deus preocupou-se com a ordem da sua obra, criando o dia, a terra e as árvores frutíferas antes do homem e da mulher, por exemplo. Em *A menina que fazia nevar* (2013), a criação da Terra Gloriosa tenta seguir a ordem bíblica: Judith cria campos, rios e montanhas (3º dia); o sol, a lua e as estrelas (4º dia); animais – pássaros, coelhos, gatos, cachorros, ursos, leopardos, peixes e caranguejos (5º e 6º dias) e pessoas (6º dia). Entretanto, a garota também cria outros seres inanimados que não aparecem no texto bíblico hebraico-cristão, a saber: barcos e casas, além de "[...] dragões que tinham carapaça e cuspiam fogo".

Outro ponto que merece ser ressaltado é o tempo da criação nos dois textos. No livro de Gênesis, Deus criou o mundo em seis dias e descansou no sétimo dia. No livro de McCleen, ao realizarmos uma primeira leitura, supomos que Judith criou a Terra Gloriosa de maneira constante, sem intervalos entre a origem de um objeto e outro, porém, os próximos capítulos da obra esclarecem-nos o tempo que a garota levou para criar a maquete: "[...] passei boa parte da vida fazendo esse mundo" (MCCLEEN, 2013, p. 17). Ao contrário da criação bíblica, Judith não criou a Terra Gloriosa em seis dias, mas sim ao longo de anos. Logo, a garota não descansou no sétimo dia, pois estava envolvida no processo criativo do mundo de sucata.

Em ambas as narrativas, pessoas são criadas. No texto bíblico, Deus criou, a partir do pó da terra, o homem "[...] à sua imagem e semelhança [...]", soprou nas narinas dele o fôlego de vida e ele "[...] passou a ser alma vivente". No romance, podemos afirmar que Judith

também criou as pessoas à sua imagem e semelhança ("[...] modelei rostos e mãos, lábios, dentes e línguas"). A garota, assim como Deus, praticou a ação de soprar ("[...] soprei em seus pulmões"), todavia, os bonecos não se tornaram almas viventes. Existem, ainda, acréscimos de dois elementos que não são mencionados, em um primeiro momento, na Bíblia Sagrada: roupas e perucas ("[...] Vesti as pessoas com roupas e perucas [...]").

5. Relação dos criadores com suas criações

Tanto no mito da criação bíblica quanto em *A menina que fazia nevar* (2013), os criadores sentem-se satisfeitos com suas criações e orgulhosos das suas obras criativas. Esses sentimentos são evidenciados nos seguintes excertos: Bíblia Sagrada → "[...] E viu Deus que isso era bom"; *A menina que fazia nevar* (2013), fragmento final → "E olhei para as pessoas e olhei para os animais e olhei para a terra. E vi que isso era bom".

Deus criou o mundo desejando que Suas criaturas fossem felizes e vivessem em paz nele. A princípio, Judith cria a Terra Gloriosa para passar seu tempo. No entanto, certo dia, ela descobre que tudo o que faz na maquete é refletido no mundo real. Ela é capaz de fazer "milagres". Então, ela cobre a Terra Gloriosa de espuma de barbear e, no dia seguinte, a cidade amanhece coberta de neve, vejamos:

> Eu [Judith] disse: "Pai, eu fiz neve para a Terra Gloriosa e aí aconteceu. Foi um milagre! Aconteceu duas vezes, bem como eu esperava. Mas você não pode contar para ninguém ainda, porque vai assustar as pessoas e eu mesma acabei de descobrir". (MCCLEEN, 2013, p. 73)

Ao perceber isso, Judith começa a fazer coisas no mundo de sucata a fim de machucar Neil Lewis, o colega que pratica *bullying* contra ela na escola, e os resultados trágicos fogem do controle de Judith, como notamos no seguinte trecho:

> [...] Uma voz estava falando: "O que você fez?".
> Ela [voz] dizia: "Acho que dessa vez você foi longe demais".
> "Não, eu [Judith] não fiz nada", rebati.
> "Olhe bem", disse a voz.
> Peguei o boneco de Neil Lewis e fiquei olhando para ele. A cabeça dependurada, uma perna mais comprida que a outra, faltava um braço. O rosto em pedaços. (MCCLEEN, 2013, p. 265)

Pensando na relação dos criadores com suas criações, esta é a diferença mais marcante: Deus, misericordioso, jamais usaria uma de Suas criações para machucar outra criação Sua. Ele nunca seria egoísta a ponto de tirar proveito das coisas para Seu próprio benefício. Judith, por sua vez, tem pensamentos e comportamentos opostos ao de Deus.

Considerações finais

Este artigo discutiu algumas similaridades e dissemelhanças existentes entre o mito da criação bíblica e a origem da Terra Gloriosa em *A menina que fazia nevar* (2013). Sabemos que esse tipo de estudo se faz necessário, já que:

> [...] a repetição (de um texto por outro, de um fragmento em um texto, etc.) nunca é inocente. Nem a colagem nem a alusão e, muito menos, a paródia. Toda repetição está carregada de uma intencionalidade certa: quer dar continuidade ou quer modificar, quer subverter, enfim, quer atuar com relação ao texto antecessor. A verdade é que a repetição, quando acontece, sacode a poeira do texto anterior, atualiza-o, renova-o e (por que não dizê-lo?) o re-inventa. (CARVALHAL, 2010, p. 53-54)

Desse modo, concluímos que Grace McCleen repetiu alguns aspectos do mito da criação bíblica em seu romance, interessada em atualizá-lo para o contexto em que vive. A autora também renovou e reinventou o mito cosmogônico bíblico, buscando, assim, cativar seus leitores e aproximar sua obra do universo do seu público-alvo: pré-adolescentes e/ou adolescentes.

Referências

A MENINA QUE FAZIA NEVAR, DE GRACE MCCLEEN. Direção e produção: Companhia das Letras. São Paulo: Companhia das Letras, 2013. Online. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=EGXEeUDrZFc>. Acesso em: 15/09/2022.

BÍBLIA, A. T. Gênesis. In: BÍBLIA. Português. *Bíblia Sagrada Fonte de Bênçãos*. Antigo e Novo Testamentos. Tradução de João Ferreira de Almeida. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 2012. p. 3-5.

CARVALHAL, T. F. *Literatura comparada*. 5. ed. São Paulo: Ática, 2010.

ELIADE, M. *Mito e realidade*. 6. ed. São Paulo: Perspectiva, 2004.

GRACE MCCLEEN. *About/contact & Writing*. Disponível em: <http://www.gracemccleen.com/writing.html>. Acesso em: 14/09/2022.

MCCLEEN, G. *A menina que fazia nevar*. Tradução: Renato Prelorentzou. São Paulo: Paralela, 2013.

ANEXO A – CRIAÇÃO DA TERRA GLORIOSA, POR JUDITH MCPHERSON

LIVRO I

INSTRUMENTO DE DEUS

O quarto vazio (p. 6-7)

No princípio, era um quarto vazio, um pouquinho de espaço, um pouquinho de luz, um pouquinho de tempo.

Eu disse: "Vou fazer campos", e os fiz com toalhas de mesa, carpete, veludo marrom e feltro. Depois, fiz rios de papel crepom, filme plástico e papel-alumínio brilhante, montanhas com papel machê e cascas de árvore. E olhei para os campos e olhei para os rios e olhei para as montanhas e vi que isso era bom.

Eu disse: "Agora um pouco de luz", e fiz um sol com uma gaiola de metal envolta em colares de contas pendurados, fiz uma lua crescente, estrelas luminosas e, na beirada do mundo, um mar com um espelho, refletindo o céu, os barcos, os pássaros e a terra (onde se tocavam). E olhei para o sol e olhei para a lua e olhei para o mar e vi que isso era bom.

Eu disse: "Que tal umas casas?". E fiz uma de capim seco, outra com um tronco de árvore oco e mais uma com um pote onde tinham vindo balas de caramelo, e coloquei nela linha de pesca e uma vela, arrumei espaço para um cobertor, uma escova de dente em um copo e um forno, pus uma gaivota no alto do mastro (que na verdade era um cabo de vassoura) e a lancei ao mar (que na verdade era um espelho).

Fiz casas com embalagens de biscoitos feitos para mergulhar no chocolate: o potinho de plástico onde ficava o chocolate era o quarto, a parte redonda logo abaixo, onde ficavam os

biscoitos, era a sala de estar. Fiz casas com caixa de fósforos e ninho de passarinho e vagem de ervilha e conchas. E olhei para as casas e vi que isso era bom.

Eu disse: “Agora precisamos de animais”, e fiz pássaros de papel, coelhos de lã, gatos e cachorros de feltro. Fiz ursos peludos, leopardos listrados e dragões que tinham carapaças e cuspiam fogo. Fiz peixes reluzentes e caranguejos cascudos e pássaros pendurados em fios muito finos.

Por fim, eu disse: “Precisamos de pessoas”, e modelei rostos e mãos, lábios, dentes e línguas. Vesti as pessoas com roupas e perucas e soprei em seus pulmões.

E olhei para as pessoas e olhei para os animais e olhei para a terra. E vi que isso era bom.